

**ABUSO SEXUAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PERCEPÇÕES  
RETROSPECTIVAS DE ESTUDANTES**

**ABUSO SEXUAL EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA: PERCEPCIONES  
RETROSPECTIVAS DE ESTUDIANTES**

**SEXUAL ABUSE IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES: RETROSPECTIVE  
PERCEPTIONS OF STUDENT**



Carolina PEREIRA MACHADO<sup>1</sup>  
e-mail: carolinapmachado03@gmail.com



Paula BIANCHI<sup>2</sup>  
e-mail: pbianchi@us.es



Angelita Alice JAEGER<sup>3</sup>  
e-mail: angelita@ufrgs.br

**Como referenciar este artigo:**

PEREIRA MACHADO, Carolina; BIANCHI, Paula; JAEGER, Angelita Alice. Abuso sexual na educação física escolar: percepções retrospectivas de estudantes. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 36, n. 00, e025011, 2025. e-ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v36i00.10720



| Submetido em: 10/11/2024

| Revisões requeridas em: 12/09/2025

| Aprovado em: 05/10/2025

| Publicado em: 04/11/2025

Editora: Profa. Dra. Rosiane de Fátima Ponce

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria – Rio Grande do Sul (RS) – Brasil. Mestra em Ciências do Movimento e Reabilitação. Professora de educação física na prefeitura de Candelária/RS.

<sup>2</sup> Universidad de Sevilla (US), Sevilla – Andalucía – España. Doutora em Educação Física. Professora no departamento de Motricidad humana y rendimiento deportivo, Facultad de Ciencias de la Educación.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria – Rio Grande do Sul (RS) – Brasil. Doutora em Ciências do Movimento Humano Professora associada no departamento de métodos e técnicas desportivas.

**RESUMO:** Nesta pesquisa, objetivou-se conhecer a percepção retrospectiva de estudantes sobre o abuso sexual na educação física escolar. Primeiramente, responderam a um questionário 212 estudantes dos cursos de Educação Física — Licenciatura e Bacharelado — de uma universidade pública do Rio Grande do Sul e, a seguir, 9 aceitaram participar de uma entrevista semiestruturada individual. Os resultados revelam uma prevalência alarmante (40%) de testemunhas e uma incidência muito alta (20%) de vítimas do abuso sexual na educação física escolar, sendo as meninas e as adolescentes as principais vítimas desse tipo de comportamento. As formas de violência sexual mais recorrentes são os olhares ou gestos sugestivos, comentários de natureza sexual, toques indesejados e piadas de caráter sexual. Como estratégia de melhora, a pesquisa destaca a necessidade de educar sobre consentimento e respeito, assim como criar ambientes seguros e implementar políticas eficazes de denúncia na escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Abuso sexual de crianças e adolescentes. Educação Física. Escola.

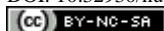
**RESUMEN:** En esta investigación, el objetivo consistió en conocer la percepción retrospectiva de estudiantes sobre el abuso sexual en la educación física escolar. Participaron un total de 212 estudiantes de dos grados en Ciencias de la Actividad Física y del Deporte de una universidad pública de Rio Grande do Sul, quienes respondieron a un cuestionario. Posteriormente, 9 aceptaron participar en una entrevista individual semiestructurada. Los resultados apuntan una prevalencia alarmante (40%) de testigos y una incidencia muy alta (20%) de víctimas de abuso sexual en la educación física escolar, siendo las niñas y las adolescentes las principales víctimas de este tipo de comportamientos. Miradas o gestos sugerivos, comentarios y bromas sexuales y tocamientos no deseados son las formas más frecuentes. Como estrategia de mejora, se señala la necesidad de educar sobre el consentimiento y el respeto, así como crear entornos seguros e implementar políticas eficaces de denuncia en la escuela.

**PALABRAS CLAVE:** Abuso sexual infantil y adolescente. Educación Física. Escuela.

**ABSTRACT:** In this research, the objective was to examine the retrospective perceptions of students regarding sexual abuse in school physical education. Initially, 212 students from Physical Education undergraduate programs—Teacher Education and Bachelor's degree—at a public university in Rio Grande do Sul completed a questionnaire. Subsequently, nine students agreed to participate in individual semi-structured interviews. The results reveal an alarming prevalence (40%) of witnesses and a very high incidence (20%) of victims of sexual abuse in school physical education, with girls and adolescent young women identified as a primary victim of such behavior. The most common forms of sexual violence include suggestive looks or gestures, sexually explicit comments, unwanted touching, and sexual jokes. As a proposal for improvement, the study highlights the need to provide education on consent and respect, as well as to create safe environments and implement effective reporting policies within schools.

**KEYWORDS:** Sexual Abuse of children and adolescents. Physical Education. School.

---



## Introdução

A violência sexual é um fenômeno persistente em nossa sociedade, sendo as mulheres as principais vítimas. Em 2021, mais de 26 milhões de brasileiras relataram ter sofrido alguma forma de assédio sexual. A forma recorrente desse crime é a violência verbal, manifestada por meio de comentários desrespeitosos e cantadas indesejadas em diferentes espaços, como, por exemplo, no ambiente de trabalho, transporte público e nas vias públicas (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021). Crianças e adolescentes também figuram entre as principais vítimas de violência sexual, sofrendo impactos potencialmente mais severos, uma vez que necessitam de atenção e apoio específicos para superar o trauma e o sofrimento físico e psicológico decorrentes dessas experiências (Nascimento; Sibila; Guariglia, 2020). Entre as consequências mais frequentes estão a baixa autoestima, depressão e retraimento social, frequentemente associados à vergonha pelo abuso vivido (Fonseca *et al.*, 2018). Além dos danos emocionais, pesquisas apontam desdobramentos físicos e sexuais, revelando a gravidade multidimensional do problema (Cruz *et al.*, 2021). O abuso sexual é considerado um problema de saúde pública, tanto pelas elevadas taxas de ocorrência quanto pelos prejuízos físicos, mentais, psicológicos e socioafetivos acarretados às vítimas (Habigzang *et al.*, 2005).

No Brasil, entre 2015 e 2021, foram registrados mais de 83 mil casos de abuso sexual contra crianças e 119 mil contra adolescentes. Em grande parte dos casos, o agressor é um homem adulto e, muitas vezes, próximo à vítima, como parentes ou conhecidos, o que intensifica o trauma e dificulta o processo de denúncia (Ministério da Saúde, 2024; Silva; Meyer; Riegel, 2021). A legislação brasileira, por meio da Lei nº 13.431/2017 (Brasil, 2017), define que o abuso sexual infantil é qualquer ato que envolva crianças ou adolescentes para fins sexuais. Assim, o abuso sexual infantil é qualquer ato que envolva crianças ou adolescentes para fins sexuais, incluindo desde contatos físicos e condutas libidinosas até manifestações verbais explícitas, realizadas de forma presencial ou virtual (Leaper; Brown, 2014).

Entre os espaços em que os crimes sexuais podem acontecer, a escola se constituiu como um ambiente particularmente sensível, uma vez que são passíveis de emergir diversas formas de relações abusivas (Silva, 2019; Faleiros; Faleiros, 2007). Nesse sentido, Paixão e Souza Neto (2020) apontam que o abuso sexual no ambiente escolar constitui uma manifestação de poder que viola a autonomia sexual de crianças e adolescentes. Alguns fatores como a própria organização institucional das escolas, suas políticas internas e modos de funcionamento podem aumentar a vulnerabilidade a esses crimes.



Nas aulas de Educação Física, essas questões assumem particular relevância, visto que é o corpo em movimento que ocupa o centro da aula. Nesses encontros pedagógicos, o contato físico e a interação social são favorecidos, além de serem realizados em diferentes espaços como pátio, ginásio, campo, vestiário e banheiros, o que amplia as possibilidades de situações de violência sexual (Martínez-Baena; Faus-Boscá, 2018).

Embora casos de abuso sexual infantil, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar, sejam frequentemente noticiados pelos meios de comunicação brasileiros, as investigações científicas sobre o abuso sexual contra menores praticado no âmbito escolar permanecem limitadas (Aviram; Tener; Katz, 2023; Timmerman, 2005). A escassez de estudos contribui para a invisibilização do fenômeno, dificultando a formulação de estratégias preventivas integradas às instituições de ensino.

O campo da educação física tem investigado as questões envolvendo o abuso/assédio sexual em diferentes contextos de práticas corporais e esportivas. Isso inclui o que acontece com mulheres em academias de ginástica e musculação (Pinheiro; Caminha, 2021) e com homens no futebol de alto rendimento (Cavalcanti; Capraro, 2019). Entretanto, ainda há uma lacuna importante de pesquisa voltada especificamente ao contexto escolar, particularmente no contexto das aulas de educação física, que focalize as relações entre docentes e discentes, espaço em que as características próprias da prática pedagógica podem demandar cuidados específicos.

Diante desse cenário, esta pesquisa teve como objetivo geral identificar situações de abuso sexual entre docentes e discentes nas aulas de educação física, a partir das percepções retrospectivas de estudantes, contribuindo para preencher essa lacuna e fundamentar ações de prevenção no ambiente escolar.

## **Metodologia**

O presente estudo se caracteriza quanto à sua natureza como uma pesquisa de abordagem mista (Creswell, 2010); este é um tipo que combina elementos de análise tanto qualitativos quanto quantitativos no mesmo estudo.

### *Participantes do estudo*

Inicialmente, participaram 212 estudantes (ver Tabela 1) do primeiro ao oitavo semestre dos cursos de Educação Física – Licenciatura e Bacharelado, oriundos de uma universidade



pública do Rio Grande do Sul, que aceitaram colaborar com a pesquisa. No segundo momento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais com 9 estudantes mulheres. Na primeira etapa foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: estar devidamente matriculado/a no curso de Educação Física — Licenciatura ou Bacharelado — da instituição de ensino e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE). Já na etapa da entrevista, os critérios de inclusão foram: identificar-se como mulher e aceitar a participação em entrevista. Como critérios de exclusão foram considerados: negar a assinatura do TCLE, não preencher todo o questionário e/ou abandonar a entrevista no decorrer da pesquisa.

**Tabela 1 – Caracterização das/os participantes**

Variáveis	Mulheres	Homens	Total
Número	84	128	212
Idade	22.67±	22.60±	22.63±
Curso			
Licenciatura	46	56	102
Bacharelado	38	72	110
Orientação Sexual			
Heterossexual	45	118	163
Homossexual	13	3	16
Bissexual	22	6	28
Pansexual	2	-	2
Prefiro não responder	2	1	3

Fonte: Elaboração das autoras.

### *Participantes do estudo*

Para a produção dos dados, foi utilizado um questionário adaptado do instrumento aplicado pelo Comitê *HeForShe* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Rosa *et al.*, 2020) em parceria com o Projeto Meninas na Ciência. A adaptação do questionário consistiu na exclusão de perguntas referentes ao assédio moral e, ao mesmo tempo, foram acrescentadas perguntas relacionadas ao abuso sexual no decorrer da educação física escolar. A versão final do questionário foi testada por um grupo de cinco acadêmicos/as com vistas a conferir a sua compreensão e aprovada para ser empregada nesta pesquisa. Para analisar os dados produzidos por meio do questionário, foi utilizada a estatística descritiva baseada na frequência de respostas. Na segunda etapa da pesquisa, as fontes coletadas foram analisadas a partir da técnica da análise temática. Todo esse processo de produção da análise temática foi realizado com o auxílio do software NVIVO 12.



A análise temática foi conduzida seguindo as seis etapas propostas por Braun e Clarke (2006). Inicialmente, realizou-se a familiarização com os dados, por meio da leitura flutuante e repetida das transcrições das entrevistas, o que possibilitou uma compreensão ampla do conteúdo. Em seguida, foram gerados os códigos iniciais, identificando-se unidades de sentido relevantes ao objetivo da pesquisa. Esses códigos foram posteriormente organizados em possíveis temas, que passaram por um processo de revisão e refinamento, no qual se avaliaram suas convergências e divergências em relação à questão investigada. Na etapa subsequente, ocorreu a definição e nomeação dos temas, buscando precisão conceitual e clareza na delimitação dos significados. Por fim, na fase de produção do artigo, os dados foram interpretados e discutidos em diálogo com a literatura da área. A partir desse processo analítico, emergiram três eixos principais de discussão e análise dos resultados, apresentados a seguir.

### *Aspectos éticos da pesquisa*

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Santa Maria. Após a aprovação no CEP (nº de aprovação 6227274) e antes de produzir as fontes de pesquisa, as pessoas participantes foram convidadas a assinar, de modo voluntário, o TCLE. Importante destacar que, em todo o processo de produção, análise e divulgação dos dados, os nomes das pessoas que participaram do estudo não serão identificados e a possibilidade de abandonar a pesquisa em qualquer etapa foi sempre lembrada.

## **Resultados**

### *Abuso sexual nas aulas de educação física*

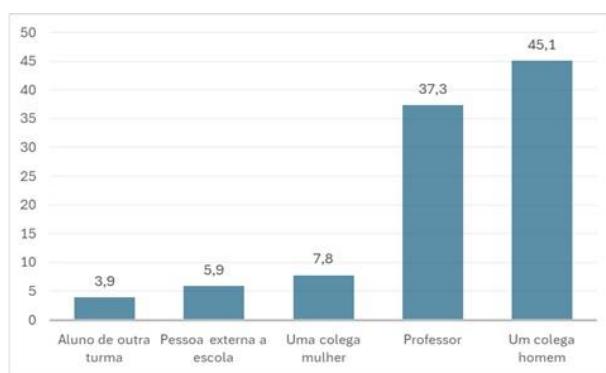
A partir dos resultados que emergem desse estudo, é possível perceber que as aulas de educação física também são espaços em que ocorrem casos de violência sexual contra crianças e adolescentes. Os dados do estudo realizado mostraram que quase 20% das pessoas participantes (equivalente a 42, sendo 11 homens e 31 mulheres) já foram vítimas de alguma situação de abuso sexual durante as aulas de educação física escolar. Além disso, mais de 40% (um total de 90 participantes) relataram ter presenciado algum episódio desse tipo. Segundo Silva, Meyer e Riegel (2021), a vulnerabilidade física e emocional dessas populações é um elemento que aumenta o risco de delitos de abuso sexual. Em relação ao perfil das vítimas, os dados evidenciaram que a maioria (59.8%) são crianças ou adolescentes do sexo feminino,



coincidindo com os resultados apontados por Elboj-Saso, Iñiguez-Berrozpe e Valero-Errazu (2020).

Em relação ao sexo de quem comete os abusos sexuais no contexto da educação física escolar, conforme as respostas das pessoas que relataram ter sofrido uma ou mais situações de abuso, 90.2% dos episódios são cometidos por um homem — dado que corrobora com os resultados de Vega-Gea, Ortega-Ruiz e Sánchez (2016) e Buchanan e McDougall (2017), que apontam que o agressor é, predominantemente, alguém do sexo masculino. Na maior parte dos casos, as agressões ocorrem entre estudante-estudante ou entre professor-estudante, como mostra a Figura 1.

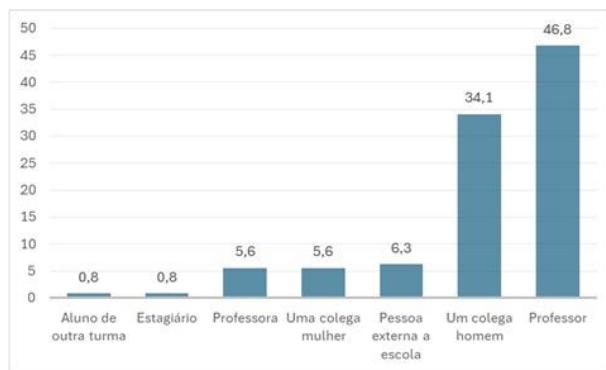
**Figura 1** – Gráfico de perpetradores/as de abuso sexual na educação física escolar, segundo as vítimas



Fonte: Elaboração das autoras.

Também, buscou-se conhecer o sexo da pessoa agressora naquelas situações de abuso sexual na educação física escolar que foram presenciadas pelas/os participantes do estudo. Em 88.8% dos casos, as agressões são perpetradas por um homem, sendo cometidas principalmente por um colega ou professor, como se observa na Figura 2.

**Figura 2 – Gráfico de perpetradores/as de abuso sexual na educação física escolar, segundo testemunhas**



Fonte: Elaboração das autoras.

A partir do exposto, observa-se que a maioria dos casos de abuso sexual na educação física escolar, seja na situação de vítima ou de testemunha, é praticada por colegas ou professores do sexo masculino, sendo mais generalizada entre os/as estudantes. Situação similar também foi observada em outros estudos sobre abuso sexual infantil em instituições educativas (Buchanan; McDougall, 2017; Ortega; Ortega-Rivera; Sánchez, 2008). No caso do corpo docente, além de atuar como agressor, muitas vezes, também é cúmplice da violência sexual por omissão como indicam Slaatten e Malterud (2023). Para Aviram, Tener e Katz (2023), os casos de abusos sexuais na infância e adolescência são praticados por quem exerce mais poder na relação estabelecida, o que pode ser percebido mais claramente nos casos de abusos cometidos por docentes contra estudantes. É evidente que os professores aproveitam de sua posição hierárquica para cometerem violência sexual. A seguir, uma das entrevistadas descreve uma das formas de agressão praticada pelo professor de educação física.

Eu não fui vítima, mas tive uma parente próxima que ele [professor] dava mais intimidade para as alunas, principalmente de Ensino Médio, dando abertura para ser convidado para aniversário, eventos fora da escola. E soube que, em um desses eventos, ele inclusive ficou com uma aluna. Então, mesmo sendo o professor delas e elas sendo menores de idade, ele ficou com a aluna (Estudante 8).

Ademais, os abusos sexuais vindos de professores, assim como os casos de familiares, requerem maior atenção, pois são cometidos por pessoas próximas à vítima, que deveriam ser suas protetoras e zelarem por sua segurança (Paixão; Souza Neto, 2020). Esta proximidade e confiança das vítimas com os abusadores facilitam a perpetração dos abusos, fazendo com que seja ainda mais traumático, podendo acarretar sequelas mais graves à vítima como, por

exemplo, distúrbios do desenvolvimento, dificuldades para estabelecer relações afetivas e sociais, agressividade, falta de cuidado com aparência física, tentativa de suicídio e comportamentos delinquentes (Sakellari *et al.*, 2022; Habigzang *et al.*, 2005). Nesses casos, a falta de cuidados e proteção por parte da escola aos/as estudantes implica em exposição a outras formas de violências, como a institucional (Faleiros; Faleiros, 2007). Uma das participantes do estudo destacou como uma das consequências desse tipo de comportamento a mudança de vestimenta.

[...] afeta em várias questões, porque o fato de eu usar short — a guria usar short, é uma coisa que até hoje eu não consigo, não me sinto bem. Eu acho que isso pega muito a vestimenta na Educação Física, faz com que o homem tenha o direito de te olhar (Estudante 7).

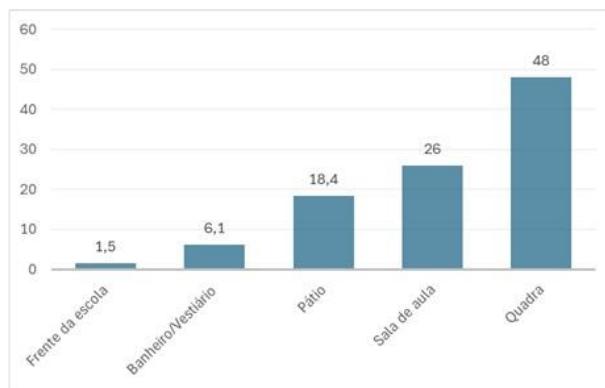
Embora existam casos de abuso sexual em que os homens são as vítimas, na maioria das vezes prevalece a hierarquia de gênero. Nesse contexto, as mulheres são frequentemente vistas como indefesas, o que contribui para a violência baseada no preconceito de gênero, uma vez que são percebidas em uma posição hierárquica inferior em relação aos agressores masculinos (Rodrigues Barbosa, 2024). A categoria gênero desempenha um papel fundamental na compreensão das razões pelas quais os homens adotam modelos específicos de masculinidade e como esses modelos influenciam seus relacionamentos com mulheres em qualquer etapa da vida. As performances de gênero moldam a identidade dos sujeitos por meio da repetição; este processo é impulsionado por pressões sociais que forçam os corpos a traduzirem normas culturais baseadas em concepções hegemônicas de gênero. Assim, as relações de poder dos homens sobre as mulheres se estabelecem por meio de discursos que atuam como mecanismos de controle na sociedade (Ferreira *et al.*, 2023). Com isso, acredita-se também que a hierarquia de gênero esteja presente na maioria dos comportamentos abusivos e violentos praticados entre colegas estudantes na escola. Segundo Elboj-Saso, Iñiguez-Berrozpe e Valero-Errazu (2020) a violência sexual entre menores é um reflexo do modelo social de dominação e submissão, marcado pelas relações de controle entre homens e mulheres.

### *Espaços onde ocorrem os abusos sexuais*

Paralelamente, buscou-se detectar quais são os locais onde ocorrem os abusos sexuais. Segundo as respostas das/dos participantes que foram vítimas de abuso, quase metade desses delitos tem lugar na quadra da escola, como mostra a Figura 3.



**Figura 3** – Gráfico sobre os locais de incidência de casos de abuso sexual na educação física escolar



Fonte: Elaboração das autoras.

Com base nos dados, a quadra esportiva, sala de aula e o pátio da escola aparecem como os principais locais onde o abuso sexual acontece, totalizando 91% dos casos. Com menor frequência, os banheiros ou vestiários também são mencionados, evidenciando se tratar de espaços vulneráveis. Sobre essa questão, Timmerman (2003) destaca que as agressões verbais de caráter sexual são mais comuns na sala de aula. Já a violência sexual do tipo físico, como os toques não desejados, é mais recorrente nas atividades que se realizam fora do horário de aula e em instalações externas como, por exemplo, ginásios esportivos, sala de dança e durante as competições. Neste contexto, no decorrer das aulas de educação física, crianças e adolescentes, na maioria das vezes, estão sozinhos com adultos ou colegas, o que faz com que os espaços mencionados anteriormente sejam percebidos como locais propícios para os crimes de abuso sexual.

#### *Tipos de abusos sexuais presentes na educação escolar*

O estudo buscou identificar os tipos de abusos sexuais perpetrados nas aulas de educação física a partir das respostas das pessoas que relataram ter sofrido uma ou mais situações de violência sexual. Entre as formas de abuso sexual mais frequentes se destacam a verbal (comentários, piadas...) e a visual, especialmente os olhares, como se observa na Figura 4.

**Figura 4 – Gráfico sobre os tipos de abuso sexual vivenciados na educação física escolar**



Fonte: Elaboração das autoras.

Também foi questionado aos/as participantes que testemunharam algum tipo de situação, qual foi o tipo de abuso sexual presenciado, sendo os olhares ou gestos sugestivos, comentários e toques indesejados os que mais apareceram, conforme mostra a Figura 5.

**Figura 5 – Gráfico sobre os tipos de abuso sexual presenciados na educação física escolar**



Fonte: Elaboração das autoras.

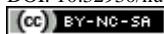
A partir dos resultados, as principais formas de abuso sexual presentes no âmbito da educação física escolar incluem comentários de natureza sexual, olhares ou gestos insinuantes, piadas de cunho sexual e toques indesejados, sendo, portanto, as agressões visuais e verbais mais frequentes, seguidas do abuso sexual de tipo físico. É importante destacar que no ambiente escolar, o abuso sexual de tipo físico é mais comum entre as meninas enquanto as outras formas de violência sexual têm maior incidência em ambos os性 (Vega-Gea; Ortega-Ruiz; Sánchez, 2016). Esses resultados coincidem com o estudo realizado por Sweeting *et al.* (2022) sobre o abuso sexual com 638 estudantes de escolas escocesas, em que os comportamentos encontrados

com maior frequência foram as piadas, os gestos e olhares sexuais. As participantes descreveram algumas das situações de abuso sexual vividas e/ou presenciadas nas aulas de educação física, como, por exemplo:

[...] tinha outra menina que era bem popular na escola, então ela era bem conhecida, todos os meninos na aula de Educação Física ficavam olhando para o corpo dela e comentando (Estudante 6).

Nesse sentido, as participantes foram unâimes em afirmar que a direção da escola e o corpo docente de educação física se abstiveram de abordar o tema, bem como de investigar as queixas apresentadas pelas estudantes. Ao agir de forma omissa, a escola, junto com seu professorado, se distancia da construção de um espaço seguro para os/as estudantes, criando uma situação de abandono das vítimas (Slaatten; Malterud, 2023).

O estudo mostrou uma diferença no número expressivo de pessoas que presenciaram alguma situação de abuso sexual em relação ao contingente mais reduzido que relata já ter sido vítima. Essa diferença pode ser explicada pelo fato de que muitas vítimas de abuso sexual não se sentem confortáveis ou seguras para relatar suas experiências, ou sequer percebem tais abusos uma vez que a violência sexual está normalizada em todas as camadas da sociedade (Ferreira *et al.*, 2023). Este contexto evidencia a necessidade urgente de conscientização e formação, de modo que os/as estudantes possam identificar, prevenir e responder de forma adequada a casos de abuso sexual no âmbito escolar, conforme indicam Wagner e Knoke (2022). Paralelamente, a ocorrência de situações de abuso sexual nas aulas de educação física, um espaço que deveria ser seguro e propício ao desenvolvimento dos/as alunos/as, é alarmante (20% de vítimas e 40% testemunhas). Para se ter uma ideia do problema, em um estudo realizado no ambiente esportivo, 28% das atletas reportaram ter vivenciado alguma situação de violência sexual, o que se considera uma cifra muito alta (Fasting; Brackenridge; Sundgot-Borgen, 2003). Os resultados deste estudo destacam a necessidade imperativa da implementação de medidas como a educação sexual nas escolas, bem como propõem Xavier e Camargo (2024). Tal educação permitirá que os/as estudantes compreendam o conceito de consentimento e reconheçam sinais de abuso, além de proporcionar formação adequada ao corpo docente, capacitando-o a identificar casos de violência sexual infantil e a adotar as medidas necessárias. Essas ações são essenciais para oferecer suporte às vítimas e mitigar as consequências decorrentes dessas situações. Algumas experiências formativas e de prevenção realizadas no âmbito esportivo mostraram efeitos positivos no comportamento de treinadores e



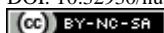
atletas homens em relação às atletas mulheres, ademais de contribuir com a identificação do abuso sexual no esporte (Miller *et al.*, 2020).

Entre as implicações do abuso sexual se destaca a perda de interesse pelas aulas de educação física por parte das vítimas. Algumas vezes, a única forma que a vítima encontra para se proteger das agressões sexuais é deixar de frequentar as aulas de educação física. Além disso, Moreno-Vitoria, Cabeza-Ruiz e Pellicer-Chenoll (2024) apontam que esse contexto repercute negativamente no desenvolvimento das vítimas, especialmente das meninas que são as mais afetadas por essas condutas, levando a sua completa desvinculação das práticas corporais e de movimento na vida adulta.

## Conclusão

A partir desse estudo, observou-se que a presença com alta incidência do fenômeno do abuso sexual no campo da educação física escolar se mostra uma realidade preocupante. Por outro lado, são escassos os estudos científicos que se dedicam às questões da violência sexual no contexto educacional e, de modo especial, nas aulas de educação física, o que silencia e invisibiliza ainda mais o problema.

Entre as principais formas de abuso sexual identificadas ganha evidencia a violência verbal e não verbal perpetradas através de comentários e piadas de caráter sexual, bem como olhares e gestos com conotação sexual. Não menos frequente se destaca o contato físico não desejado, evidenciando que as formas físicas de abuso sexual estão presentes na disciplina. Na maior parte dos casos, as meninas e as adolescentes são as principais vítimas dos abusos sexuais que ocorrem na educação física escolar, sendo o agressor, em geral, uma pessoa do sexo masculino. Desse modo, é notória a importância desta temática ser debatida dentro da escola, tanto com os/as professores/as a fim de prepará-los/as para lidar com a problemática, quanto o diálogo com os/as estudantes com o intuito de instruí-los/as sobre o que é abuso sexual, consentimento e as formas de denúncia. Seria fundamental que, tanto docentes como discentes, conhecessem protocolos de prevenção e de atuação relacionados com o abuso sexual contra crianças e adolescentes. É urgente criar estratégias para tornar a escola um espaço acolhedor e seguro aos/às estudantes. No caso específico da educação física, algumas estratégias importantes para prevenir o abuso sexual incluem rever as dinâmicas de grupo, evitar contatos físicos desnecessários durante explicações e atividades práticas em aula, garantir o respeito



entre corpo docente-estudante e entre os/as estudantes, bem como assegurar a integridade física e psicológica dos/as estudantes.

Entre as limitações do presente estudo, destaca-se a escassez de outros estudos que abordem as questões do abuso sexual especificamente no campo da educação física no contexto escolar, o que pode ter restringido as possibilidades de comparação com outras pesquisas. Além disso, a investigação foi realizada em apenas uma instituição pública de ensino superior, o que limita a generalização dos resultados para outros contextos acadêmicos. Essas limitações indicam a necessidade de novas pesquisas, que ampliem a amostra e contemplem diferentes contextos, contribuindo para o fortalecimento da literatura e para a construção de estratégias de enfrentamento mais consistentes.



## REFERÊNCIAS

AVIRAM, Ziv; TENER, Dafna; KATZ, Carmit. “We were there all alone”: Sexual abuse within the peer group in boarding schools in Israel - Retrospective perceptions of adult survivors. **Child Abuse Negl.** Jun, 140, p. e106154, 2023. DOI: 10.1016/j.chabu.2023.106154. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36989757/>. Acesso em: 02 out. 2025.

BRASIL. Decreto-Lei 13.431, de 04 de abril de 2017. Estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 05 abr. 2017.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1191/1478088706qp063oa?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 02 out. 2025.

BUCHANAN, Carie M.; MCDOUGALL, Patti. Retrospective accounts of sexual peer victimization in adolescence: do social status and gender-conformity play a role?. **Sex Roles**, 76, p. 485–497, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11199-016-0672-4>. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s11199-016-0672-4.pdf>. Acesso em: 02 out. 2025.

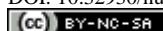
CAVALCANTI, Everton de Albuquerque; CAPRARO, André Mendes. Experiências indesejáveis: alguns casos de assédio sexual no futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, e25080, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.85215>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/HZs63vpPKcWw4gFmWh7G9Rk/?lang=pt>. Acesso em: 2 out. 2025.

CRESWELL, Jonh W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUZ, Moniky Araújo da; GOMES, Nadirlene Pereira; CAMPOS, Luana Moura; ESTRELA, Fernanda Matheus; WHITAKER, Maria Carolina Ortiz; LÍRIO, Josinete Gonçalves dos Santos. Impacts of sexual abuse in childhood and adolescence: an integrative review. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 4, p. 1551-1560, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.02862019>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33886765/>. Acesso em: 02 set. 2024.

ELBOJ-SASO, Carmen; IÑIGUEZ-BERROZPE, Tatiana; VALERO-ERRAZU, Diana. relations with the educational community and transformative beliefs against gender-based violence as preventive factors of sexual violence in secondary education. **Journal of Interpersonal Violence**, 37(1-2), p. 578–601, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1177/0886260520913642>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0886260520913642>. Acesso em: 02 out. 2025.

FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. **Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de



Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 1<sup>a</sup> edição, 2007. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000154588>. Acesso em: 02 out. 2025.

FASTING, Kari; BRACKENRIDGE, Celia; SUNDGOT-BORGREN, Jorunn. Experiences of sexual harassment and abuse among Norwegian elite female athletes and nonathletes. **Research quarterly for exercise and sport**, v. 74, n. 1, p. 84–97, 2003. DOI: 10.1080/02701367.2003.10609067. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12659479/>. Acesso em: 02 out. 2025.

FERREIRA, Helder; COELHO, Danilo Santa Cruz; CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro; ALVES, Paloma Palmieri; SEMENTE, Marcella. **Elucidando a prevalência de estupro no Brasil a partir de diferentes bases de dados**. Rio de Janeiro: Ipea, maio, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2880-port>. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/11814>. Acesso em: 02 set. 2024.

FONSECA, Thaisa da Silva; MARTINS PORTELA, Ariane Viana; DE ASSIS FREIRE, Sandra Elisa; NEGREIROS, Fauston. Acoso sexual en el trabajo: una revisión sistemática de la literatura. **Ciencias Psicológicas**, v. 12, n. 1, p. 25–34, 2018. DOI: 10.22235/cp.v12i1.1592. Disponível em: <https://revistas.ucu.edu.uy/index.php/cienciaspsicologicas/article/view/1592>. Acesso em: 2 out. 2025.

**FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Pesquisa visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. Edição 3. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2024.

HABIGZANG, Luísa F.; KOLLER, Sílvia H.; AZEVEDO, Gabriela Azen; MACHADO, Paula Xavier. Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 3, p. 341–348, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722005000300011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/RQSFdbchSLM3dbmt4VCjXZS/?lang=pt>. Acesso em: 2 out. 2025.

LEAPER, Campbell; BROWN, Christia Spears. Sexism in schools. **Advances in child development and behavior**, v. 47, p.189–223, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/bs.acdb.2014.04.001>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0065240714000020>. Acesso em: 01 set. 2024

MARTÍNEZ-BAENA, Alejandro; FAUS-BOSCÁ, Joan. Acoso escolar y Educación Física: una revisión sistemática. **Retos**, n. 34, p. 412–419, 2018. DOI: <https://doi.org/10.47197/retos.v0i34.59527>. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/retos/index>. Acesso em: 2 out. 2025.

MILLER, Elizabeth; JONES, Kelley A.; RIPPER, Lisa; PAGLISOTTI, Taylor; MULBAH, Paul; ABEBE, Kaleab Z. An athletic coach-delivered middle school gender violence prevention program: A cluster randomized clinical trial. **JAMA pediatrics**, v. 174, n. 3, p. 241–249, 2020. DOI: 10.1001/jamapediatrics.2019.5216. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/fullarticle/2762857>. Acesso em: 02 out. 2025.



MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Epidemiológico**, v. 54, 29 de fevereiro 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2023/boletim-epidemiologico-volume-54-no-08>. Acesso em: 01 set. 2024.

MORENO-VITORIA, Laura; CABEZA-RUIZ, Ruth; PELLICER-CHENOLL, Maite. Factors that influence the physical and sports participation of adolescent girls: a systematic review. **Apunts Educació Física y Deportes**, n. 157, p. 19–30, 2024. DOI: [https://doi.org/10.5672/apunts.2014-0983.es.\(2024/3\).157.03](https://doi.org/10.5672/apunts.2014-0983.es.(2024/3).157.03). Disponível em: <https://revista-apunts.com/wp-content/uploads/2024/03/19-30-157-CAST.pdf>. Acesso em: 02 out. 2025.

NASCIMENTO, Jessica Luiza de Oliveira; SIBILA, Miriam Cristina Cavenaghi; GUARIGLIA, Débora Alves. Possíveis contribuições do professor de educação física na descoberta e prevenção de casos de violência sexual. **Revista Educação, psicologia e interfaces**, v. 4, n. 3, 2020. DOI: 10.37444/issn-2594-5343.v4i3.267. Disponível em: <https://educacaoepsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/view/267>. Acesso em: 2 out. 2025.

PAIXÃO, Érica Souza; SOUZA NETO, João Clemente. O abuso sexual de crianças e adolescentes: considerações sobre o fenômeno. **Territorium**, n. 27 (I), 2020. DOI: [https://doi.org/10.14195/1647-7723\\_27-1\\_8](https://doi.org/10.14195/1647-7723_27-1_8). Disponível em: [https://impactum-journals.uc.pt/territorium/article/view/1647-7723\\_27-1\\_8](https://impactum-journals.uc.pt/territorium/article/view/1647-7723_27-1_8). Acesso em: 2 out. 2025.

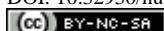
PINHEIRO, Maria Rosângela Dias; CAMINHA, Iraquitan de Oliveria. Assédio sexual em mulheres praticantes de musculação: impactos no seu cotidiano. **Interface** (Botucatu). 2021; 25: e200819, DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.200819>. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/icse/2021.v25/e200819/pt/> Acesso em: 2 out. 2025.

ORTEGA, Rosario; ORTEGA-RIVERA, Francisco Javier; SÁNCHEZ, Virginia. Violencia Sexual entre compañeros/as y violencia en parejas adolescentes. **International journal of psychology and psychological therapy**, v. 8, n. 1, p. 63–72, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/560/56080106.pdf>. Acesso em: 2 out. 2025.

RODRIGUES BARBOSA, Mauriceia. Assédio sexual em uma escola pública do município de Abaetetuba/PA. **Diversidade e educação**, v. 9, n. Especial, p. 110–127, 2024. DOI: 10.14295/de.v9iEspecial.12639. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/12639>. Acesso em: 02 out. 2025.

ROSA, Bruna Silveira da; BARBOSA, Marcia Cristina; PAVANI, Daniela Borges; COSTA, Angelo Brandelli; NARDI, Henrique Caetano; BRITO, Carolina. **Pesquisa sobre percepção de assédio moral e sexual relativo a gênero na UFRGS - Relatório I**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/meninasnaciencia/wp-content/uploads/2020/06/RelatorioAssedioUFRGS.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2024.

SAKELLARI, Evanthis; BERGLUND, Mari; SANTALA, Elina; BACATUM, Claudia Mariana Juliao; SOUSA, Jose Edmundo Xavier Furtado; AARNIO, Heli; KUBILIUTĖ, Laura; PRAPAS, Christos; LAGIOU, Areti. The perceptions of sexual harassment among adolescents of four european countries. **Children**, v. 9, n. 10, p. 1551, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/children9101551>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2227-9067/9/10/1551>. Acesso em: 2 out. 2025.



SLAATTEN, Hilde; MALTERUD, Kirsti. Boys perpetrating sexual harassment on peer girls in secondary school: A focus group study about pupils' experiences. **Scandinavian journal of public health**, v. 0, n. 0, 2023. Ahead of Print. DOI:

<https://doi.org/10.1177/14034948231172250>. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/14034948231172250>. Acesso em: 2 out. 2025.

SILVA, André Luiz dos Santos; MEYER, Dagmar Estermann; RIEGEL, Roberta Plangg. Gênero, mulher, crime e violência: Relações e tensionamentos. **Revista Educação em questão**, v. 59, n. 59, 2021. DOI: 10.21680/1981-1802.2021v59n59ID24637. Disponível em: <https://www.periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/24637>. Acesso em: 2 out. 2025.

SILVA, Tatiana Fonseca da. Abuso sexual em adolescentes: Caracterização do perfil das vítimas atendidas no serviço de referência da Região Oeste de Saúde do Distrito Federal no período de julho de 2017 a junho de 2018. Orientador: Francisco Eduardo de Campos; José Agenor Álvares da Silva, 2019, 125 f. **Dissertação** (Mestrado em Profissional em Saúde da Família- PROFSAUDE) – Fiocruz, Brasília, 2019. Disponível em: [https://profsaude-abrasco.fiocruz.br/sites/default/files/dissertacao\\_tatianafonseca.pdf](https://profsaude-abrasco.fiocruz.br/sites/default/files/dissertacao_tatianafonseca.pdf). Acesso em: 2 out. 2025.

SWEETING, Helen; BLAKE, Carolyn; RIDDELL, Julie; BARRETT, Simon; MITCHELL, Kirstin R. Sexual harassment in secondary school: Prevalence and ambiguities. A mixed methods study in Scottish schools. **Plos one**, v. 17, n. 2, p. e0262248, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0262248>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35196313/>. Acesso em: 2 out. 2025.

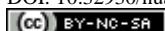
TIMMERMAN, Greetje. Sexual harassment of adolescents perpetrated by teachers and by peers: an exploration of the dynamics of power, culture, and gender in secondary schools. **Sex Roles**, v. 48, p. 231–244, 2003. <https://doi.org/10.1023/A:1022821320739>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1022821320739>. Acesso em: 2 out. 2025.

TIMMERMAN, Greetje. A comparison between girls' and boys' experiences of unwanted sexual behaviour in secondary schools. **Educational Research**, v. 47, n. 3, p. 291–306, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1080/00131880500287641>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00131880500287641>. Acesso em: 2 out. 2025.

VEGA-GEA, Esther; ORTEGA-RUIZ, Rosario; SÁNCHEZ, Virginia. Peer sexual harassment in adolescence: Dimensions of the sexual harassment survey in boys and girls. **International journal of clinical and health psychology**, v. 16, n. 1, p. 47–57, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ijchp.2015.08.002>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30487850/> Acesso em: 2 out. 2025.

WAGNER, Ingo; KNOKE, Carolin. Sexualisierte Grenzverletzungen durch Lehrkräfte im Sportunterricht. **German journal of exercise and sport research**, n. 52, p. 539–549, 2022. <https://doi.org/10.1007/s12662-022-00806-1>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12662-022-00806-1> - citeas. Acesso em: 02 out. 2025.

XAVIER, Gláucia Marques; CAMARGO, Tatiana Souza de. Limites, negação e contrato: o que os discursos juvenis nos dizem sobre consentimento. **Diversidade e educação**, v. 9, n. 2, p. 488–518, 2024. DOI: 10.14295/de.v9i2.13554. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13554>. Acesso em: 02 out. 2025.



### CRediT Author Statement

---

- Reconhecimentos:** Agradecemos aos/as estudantes que participaram da pesquisa. |
  - Financiamento:** A primeira autora foi beneficiária de auxílio financeiro CAPES - Brasil. |
  - Conflitos de interesse:** As autoras informam que não há conflitos de interesse. |
  - Aprovação ética:** O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Maria. |
  - Disponibilidade de dados e material:** Os dados que apoiam os resultados deste estudo estão disponíveis mediante solicitação às autoras correspondentes. Os dados não estão disponíveis publicamente devido a restrições éticas ou de privacidade. |
  - Contribuições dos autores:** As autoras escreveram juntas o artigo. A produção dos dados é resultado do trabalho de mestrado de Carolina Pereira Machado. As autoras trabalharam igualmente na concepção do artigo, escrita e revisão deste texto. |
- 

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação**  
Revisão, formatação, normalização e tradução

